



UNIVERSIDADE DO ESTADO DA BAHIA – UNEB
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO *CAMPUS VIII*
CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS BIOLÓGICAS

ITAYNARA SANTOS DA SILVA

**DIVERSIDADE DE PLANTAS MEDICINAIS OCORRENTES NO
BIOMA CAATINGA: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA DE CUNHO
ETNOBOTÂNICO**

PAULO AFONSO

2022

ITAYNARA SANTOS DA SILVA

**DIVERSIDADE DE PLANTAS MEDICINAIS OCORRENTES NO
BIOMA CAATINGA: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA DE CUNHO
ETNOBOTÂNICO**

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao colegiado de Ciências Biológicas-UNEB-Campus VIII, como requisito para obtenção do grau de licenciado em Ciências Biológicas.

Orientação: Profa. Dra. Eliane Maria de Souza Nogueira

PAULO AFONSO- BA

2022

FICHA CATALOGRÁFICA
Sistema de Bibliotecas da UNEB

S586d

Silva, Itaynara Santos da

Diversidade de Plantas Medicinais Ocorrentes no Bioma Caatinga:
Uma Revisão Bibliográfica de Cunho Etnobotânico / Itaynara Santos da
Silva. - Paulo Afonso, 2022.

46 fls.

Orientador(a): Eliane Maria de Souza Nogueira.

Inclui Referências

TCC (Graduação - Ciências Biológicas) - Universidade do Estado da
Bahia. Departamento de Educação. Campus VIII. 2022.

1.Plantas medicinais. 2.Medicina tradicional. 3.Caatinga. 4.Região
Nordeste. 5.Etnobotânica.

CDD: 581

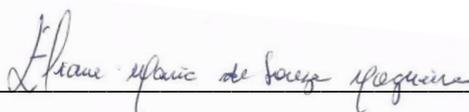
ITAYNARA SANTOS DA SILVA

**DIVERSIDADE DE PLANTAS MEDICINAIS OCORRENTES NO
BIOMA CAATINGA: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA DE
CUNHO ETNOBOTÂNICO**

Trabalho de conclusão de Curso
apresentado à Banca Examinadora do
Curso de Licenciatura Plena em
Ciências Biológicas da Universidade
do Estado da Bahia – *Campus VIII*,
para obtenção do grau de licenciada
em Ciências Biológicas.

Data da aprovação: 14/12/2022

Banca Examinadora:



Profa. Dra. Eliane Maria de Souza Nogueira
(Orientadora)



Wbaneide Martins de Andrade
(Avaliadora)



Josaline Chaves da Costa
(Avaliadora)

PAULO AFONSO

2022

DEDICATÓRIA

À Deus primeiramente pela força e coragem durante toda esta longa caminhada. À força encantada que me guia e protege.

À minha querida avó Maria são Pedro Barros dos Santos (*in memoriam*), cuja presença foi essencial na minha vida. Mulher guerreira, exemplo de coragem e simplicidade, a qual foi minha maior inspiração e motivação, para que eu nunca desistisse de estudar, onde estiver sei que estará muito feliz.

À minha filha, Annalu Sofia Santos de Moraes, pela luz que trouxe na minha vida, por me ensinar a amar incondicionalmente, por suportar toda minha ausência em diversos momentos, por todo carinho e amor que transmite, me dando assim mais forças para seguir.

AGRADECIMENTOS

A Deus primeiramente e a força encantada por ter me acompanhado e me dado forças para não desistir da minha jornada acadêmica, e me conduzido a vitória.

À professora Dra. Eliane Maria de Souza Nogueira pela paciência na orientação e incentivo que tornaram possível a conclusão desta monografia.

Agradeço também aos meus professores por cada ensinamento nesse processo, por me acompanharem durante a graduação.

Aos meus pais, Maria Regina dos Santos e Clovis Ângelo da Silva (*in memoriam*) e irmão Iracian Ângelo Santos da Silva, por estarem perto de mim, e me auxiliando sempre que precisei.

Ao meu marido, José Ailton de Moraes, pela cumplicidade e força que me deu ao longo desses anos para vencer essa etapa da vida. Obrigada, por suportar as crises de estresse e ausência.

A todos os meus familiares e amigos, pelo carinho e confiança no meu potencial. por todos os conselhos úteis, bem como palavras motivacionais. As risadas que compartilhei durante esse momento difícil na faculdade, também me ajudaram a passar o dia.

A todos aqueles que de forma direta e indireta contribuíram nessa etapa que se conclui.

A todos vocês, o meu muito obrigada.

EPÍGRAFE

“Não há saber mais ou saber menos:
há saberes diferentes.

Paulo Freire

RESUMO

É notório o conhecimento popular a respeito do emprego plantas medicinais, dessa forma observa-se a importância do conhecimento popular a respeito das plantas e sobretudo da necessidade de estudos que contribuam para o conhecimento das mesmas. Face à importância da temática, o presente estudo objetivou inventariar, por meio de uma pesquisa bibliográfica, a diversidade de plantas de uso medicinal no bioma Caatinga e as formas de uso dessas plantas medicinais. As partes mais utilizadas são as folhas, cascas e raízes, com destaque para plantas utilizadas para tratamento de doenças majoritariamente respiratórias, circulatórias, digestórias e excretoras, além de outras. Já os chás se destacaram como a forma de uso mais predominante. Dentro dessas partes vegetais, foram inventariadas 233 espécies, pertencentes à 78 famílias botânicas. Nesse levantamento, pode ser refletido o elevado potencial medicinal, revelando a importância de futuros estudos científicos mais acurados sobre as propriedades, métodos extrativos e a presença de metabólitos secundários.

Palavras-chave: Plantas medicinais. Medicina tradicional. Caatinga. Região Nordeste. Etnobotânica.

ABSTRACT

Popular knowledge about the use of medicinal plants is notorious, thus the importance of popular knowledge about plants and, above all, the need for studies that contribute to their knowledge is observed. Given the importance of the theme, the present study aimed to inventory, through bibliographical research, the diversity of medicinal plants in the Caatinga biome and the ways in which these medicinal plants are used. The most used parts are the leaves, bark and roots, with emphasis on plants used for the treatment of mainly respiratory, circulatory, digestive and excretory diseases, among others. Teas stood out as the most predominant form of use. Within these plant parts, 233 species belonging to 78 botanical families were inventoried. In this survey, the high medicinal potential can be reflected, revealing the importance of future more accurate scientific studies on the properties, extractive methods and the presence of secondary metabolites.

Keywords: Medicinal plants. Traditional medicine. Caatinga. Northeast Region. Ethnobotany.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	9
2	CARACTERÍSTICAS DO BIOMA CAATINGA	10
3	USOS DAS PLANTAS MEDICINAIS E A ETNOBOTÂNICA	12
4	AS PLANTAS MEDICINAIS E SEUS CUIDADOS	15
5	METODOLOGIA	16
6	BIODIVERSIDADE E POTENCIAIS DAS PLANTAS MEDICINAIS.....	16
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS	41
8	REFERÊNCIAS	41

1 INTRODUÇÃO

Historicamente o uso das plantas medicinais se deu pelas tribos primitivas, e identificadas e usadas pela sociedade ao longo dos séculos. A ligação entre o ser humano e as plantas é antiga, principalmente entre os povos e comunidades tradicionais, com grandes aprendizados e transmissão dos seus conhecimentos para as gerações futuras, com impactos positivos na saúde e no ambiente em que vivem (RODRIGUES, 2007).

As plantas sempre foram importantes fontes de substâncias medicamentosas através dos princípios ativos que servem para aliviar e curar os males humanos, em que o conhecimento dos seus efeitos curativos das plantas foi passado de geração a geração, se mantendo vivo, principalmente, pelas mulheres, as quais eram encarregadas pela busca de recursos medicinais e manuseios das plantas vindos das matas ou de seus quintais (MONTEIRO; BRANDELLI, 2017).

As primeiras evidências sobre o uso do conhecimento tradicional de plantas medicinais remontam a milhares de anos atrás desde as primeiras civilizações chinesas, egípcias, hindus e gregas, com relatos descritos sobre as formas de usos e meios de produção de medicamentos a 4000 a.C. (VALERIANO, 2017).

No Nordeste do Brasil, por exemplo, a história da utilização de plantas no tratamento de doenças apresenta influências marcantes das culturas africana, indígena e europeia e, apesar da grande influência dos meios de comunicação e do número crescente de farmácias na região, o uso de plantas medicinais ainda é frequente, tanto no meio rural e urbano, sendo comum principalmente neste último, a presença de raizeiros em pontos estratégicos de algumas cidades.

O interesse pelas plantas medicinais aumenta tanto por parte da população em geral quanto pelos profissionais de saúde que, através da pesquisa científica, confirmam a importância e o valor desse saber.

Com a ampla cobertura de numerosas pesquisas a respeito de levantamentos sobre as plantas medicinais na região do Nordeste, sendo essas realizadas em diferentes locais dentro dessa mesma região, o presente trabalho vem como forma de reunir os achados até o presente momento nessa temática, trazendo uma perspectiva quantitativa e qualitativa da etnobotânica nordestina,

valorizando os saberes populares e a cultura envolvida em tais costumes relativos ao uso medicinal de vegetais.

Diante da importância do tema, procurou-se com essa pesquisa inventariar as plantas medicinais utilizadas no semiárido nordestino, forma de uso, parte utilizada e indicações, por meio de uma revisão de literatura narrativa. Serão discutidas as características do bioma Caatinga, o histórico de uso das plantas medicinais, as formas de uso de acordo com a literatura, a metodologia da presente pesquisa, os resultados da mesma e as considerações finais.

2 CARACTERÍSTICAS DO BIOMA CAATINGA

A caatinga é um bioma tipicamente brasileiro e está presente em grande parte dos estados nordestinos como Bahia, Ceará, Piauí, Rio Grande do Norte, Paraíba, Pernambuco, Alagoas, Sergipe e parte do norte de Minas Gerais, correspondendo a 11% do território nacional (DRUMOND; KILL; NASCIMENTO, 2002).

Quando comparado, a outros biomas brasileiros, a Caatinga apresenta características climáticas importante que determinam a natureza da Caatinga:

“[...] alta radiação solar, baixa nebulosidade, alta temperatura média anual, baixas taxas de umidade relativa, evapotranspiração potencial mais elevada, e, sobretudo, precipitações mais baixas e irregulares, limitadas, a um período muito curto no ano” (PRADO, 2003, p. 10-11).

Os processos morfogenéticos que atuam nos ambientes de Caatinga vão depender do rigor de semiaridez e das características estruturais e litológicas dos afloramentos rochosos. De uma maneira geral, a morfogênese do domínio morfoclimático mencionados tem como principais elementos a desagregação mecânica das rochas e o escoamento superficial.

Uma formação de relevo característica na depressão nordestina é o “inselberg”, bloco rochoso sobrevivente ao desgaste natural. Aparecem nas regiões



de clima árido e semiárido. São relevos residuais, formados de rochas cristalinas mais resistentes. As precipitações atmosféricas reduzidas e irregulares associados às temperaturas elevadas favorecem o surgimento de um relevo de formas bizarras. São amontoadas de pedras multiformes empilhadas sobre lajedos, equilibrando-se umas sobre as outras, em franco desafio à gravidade terrestre. Na paisagem sertaneja destacam-se pirâmides, pães-de-açúcar, cristas, serrotes, boqueirões e mutações. (AB'SABER, 2003).

A Caatinga foi por muito tempo considerada, erroneamente, como um ambiente de pouca riqueza biológica, contudo, essa concepção mudou, pois, estudos mostram que se encontram neste habitat altas taxas de endemismo, estimando-se que pelo menos 40% das espécies da flora identificadas sejam endêmicas desse bioma (ABILIO; FLORETINO; RUFFO, 2010).

O bioma é composto de vegetação xerófila (adaptada ao clima seco), suas folhas, a grande maioria finas, modificadas em espinhos para evitar que sejam consumidas, assim como reduzir a transpiração ou inexistentes. As plantas cactáceas, possuem raízes rasas, quase exposta a superfície do solo, para aumentar a absorção de água da chuva, que em seus caules se beneficiando deste recurso no período de ausência de chuvas (OLIVEIRA, 2011).

Apresentam alto endemismo e diversidade, evidenciando sua agregação para a biodiversidade brasileira e seus arbustos e árvores com alturas entre três e sete metros, predominância de folhas caducas, são espinhosos sendo representadas por leguminosas e cactáceas (OLIVEIRA, 2011). No entanto, não apresenta apenas flora de pequeno e grande porte, como arbustos e árvores, mas também vegetação rasteira a exemplo das pastagens para os animais contribuindo economicamente na criação de animais (ARAUJO; SOBRINHO, 2009).

Apesar de ser um bioma pouco desfavorável para sobrevivência de muitos animais, alguns apresentam adaptações fisiológicas e comportamentais que lhes possibilitam sobreviver em situações adversas. Nos períodos de estiagens muitas espécies migram para outras retornando somente no período das chuvas, no inverno ou nos períodos de frutificação atuando como dispersores de sementes. Nesse aspecto, é evidente que a estiagem altera as condições ambientais devido à restrição de alimentos e água provocando migrações ou mortes (OLIVEIRA, 2011).

Segundo Sena (2011), o ambiente apresenta ampla variação na vegetação que a caracteriza em quatro fitofisionomias: caatinga arbustiva, caatinga arbórea, mata seca e carrasco. Nesse sentido, “a densidade de indivíduos arbustivos ou arbóreos por sua vez define se aquela e uma vegetação aberta, quando rala, ou fechada, quando mais densa” (OLIVEIRA, 2011. p. 55). Muitas são dotadas de espinhos, com presenças de cactáceas e bromeliáceas. Tais mecanismos possibilitam a sobrevivência das espécies em condições edafoclimáticas do semiárido nordestino (ANDRADE, 1981). Em recente levantamento florístico de todo o território brasileiro, o bioma caatinga apresentou o total de 4.322 espécies de plantas com sementes, sendo 744 endêmicas deste bioma, o que corresponde a 17,2% do total de táxons registrados (FORZZA *et al.*, 2012).

3 USOS DAS PLANTAS MEDICINAIS E A ETNOBOTÂNICA

Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), uma planta medicinal é "todo e qualquer vegetal que possui substâncias que podem ser utilizadas com fins terapêuticos ou que sejam precursores de fármacos semissintéticos". Cerca de 65 a 80% da população mundial, principalmente nos países em desenvolvimento, usam plantas medicinais como único método nos cuidados primários da saúde (OLIVEIRA *et al.*, 2021).

O uso de plantas medicinais para fins de tratamento e prevenção de enfermidades é considerado uma das mais antigas formas de prática medicinal na humanidade, tornando-se o primeiro recurso terapêutico utilizado por povos primitivos (TOMAZZONI, NEGRELLE, CENTA, 2006; OLIVEIRA, MENINI NETO, 2012; ALVES, POVH, 2013). O uso de plantas medicinais pelo homem acompanha a sua história. Registros arqueológicos apontam a sua importância cultural desde 60.000 anos a.C. Povos antigos como os Egípcios, Gregos, Hindus, Persas e mais recentemente os povos da América Pré-colombiana aplicavam extensamente tais recursos terapêuticos, contribuindo para a construção dos sistemas de Medicina Tradicional dispersos ao redor do mundo (ROCHA *et al.*, 2015)

No Brasil a utilização das plantas medicinais pelos índios na região Nordeste foi associada ao conhecimento trazido pelos europeus colonizadores permitindo assim o desenvolvimento da fitoterapia o que levou a utilização das plantas, de

início de forma natural, artesanal e depois, com o aprofundamento de estudos e técnicas passou a requerer melhor aproveitamento das plantas (BRAGA, 2011) Nessa vertente a biologia moderna exige uma associação de alguns profissionais nas diversas áreas como: biólogos, farmacologistas, químicos e bioquímicos para que possam contribuir com os conhecimentos específicos sobre o manuseio com as plantas e aumentar a qualidade das pesquisas.

Conforme Braga (2011), no princípio das descobertas acerca das plantas medicinais, o tabaco foi a primeira a ser utilizada, e rapidamente foi transferido a diversas civilizações. Desde 3000 a.C. na China houve um imperador que já fazia experimentos com algumas classes de plantas medicinais. No Egito, por sua vez, existem os papiros de Erbs em que estão catalogadas aproximadamente 125 plantas medicinais e 811 receitas de ervas medicinais que eram utilizadas. Além da cura, os egípcios se utilizavam das plantas para o famoso método de preparo das múmias, que atualmente ainda não está totalmente desvendado.

As plantas medicinais desempenharam um papel cada vez mais importante na saúde, na cultura, na renda da população e na conservação e preservação das espécies vegetais. Neste sentido é indiscutível resgatar e valorizar essas práticas. Apesar de serem produtos naturais, o aproveitamento adequado dos princípios ativos de uma planta exige o preparo correto e o uso adequado para trazer benefícios à saúde, deste modo as plantas com as características de fitoterápicos, estão sendo usadas cada vez mais na medicina popular (ARNOUS *et al.*, 2005).

Para Fagundes, Oliveira e Souza (2017), a respeito do conhecimento sobre a biodiversidade vegetal do país, há a necessidade de estudos voltados para tal temática sendo possível o estabelecimento de trabalhos embasados nos conceitos etnobotânicos. O autor considera, ainda, que o “saber local e as formas de manejo utilizadas pelas populações que habitam essas áreas são fundamentais na preservação da biodiversidade” (FAGUNDES; OLIVEIRA; SOUZA, 2017, p. 63).

Dados da Organização Mundial de Saúde (OMS) apontam que parte da “população dos países em desenvolvimento depende da medicina tradicional para sua atenção primária, sendo que 85% da população que utiliza práticas tradicionais faz uso de plantas ou preparações destas” (BRASIL, 2016, p. 16). Assim, o uso de plantas medicinais vai além de um recurso terapêutico. Algumas comunidades usam também no meio religioso, como por exemplo, em tradições indígenas, onde

é comum o uso de certas plantas e suas partes, como as raízes, os caules, as flores e as folhas em seus rituais religiosos.

Toda sociedade humana acumula um acervo de informações que a possibilita interagir e prover suas necessidades de sobrevivência. O ser humano foi e, ainda é, importante agente de mudanças vegetacionais e de evolução vegetal, porque sempre foi dependente do meio botânico para a sobrevivência, manipulando-o não somente para suprir as necessidades mais urgentes, mas também na magia e medicina, no uso empírico ou simbólico, nos ritos gerenciadores da vida e mantenedores da ordem social (ALBUQUERQUE, 2005). Reconhecer a importância das relações entre o homem e a natureza significa um avanço cognitivo (SANTOS *et al.*, 2008).

O conhecimento repassado de geração a geração nas comunidades tradicionais, sobre os recursos terapêuticos das plantas encontradas em seu ambiente natural pode ser um instrumento importante, como por exemplo, para indústria farmacêutica na elaboração de novos medicamentos. Por isso, a etnobotânica é citada na literatura como sendo um dos caminhos alternativos que mais evoluiu nos últimos anos para a descoberta de produtos naturais bioativos (MACIEL *et al.*, 2002).

A etnobotânica emprega muitas abordagens que buscam ampliar o conhecimento sobre o aproveitamento da biodiversidade feito pelos seus utilizadores, levando em conta seus saberes locais no que diz respeito à seleção de espécies propensas a bioprospecção (SHELLEY, 2009; ALBUQUERQUE, 2010). A sua principal característica é a aproximação e contato direto com as populações tradicionais, resgatando todo esse conhecimento acerca da interação do homem com os vegetais de seu entorno, envolvendo uma visão multidisciplinar que engloba o trabalho de botânicos, engenheiros florestais e agrônomos, antropólogos, médicos, químicos e outros, justificando assim o uso e conservação das espécies de plantas promissoras (RODRIGUES; CARVALHO, 2001).

Os estudos etnobotânicos mostram sua relevância na conservação e manejo de vegetações tropicais no Brasil, já que é um país que abriga uma das mais ricas floras do planeta, sendo 99% delas desconhecidas quimicamente (GOTTLIEB *et al.*, 1998; SIMÕES *et al.*, 1998) junto ao fato de que o país apresenta uma numerosa diversidade de culturas (TOLEDO, 2001).

No Nordeste, esse tipo de pesquisa é mais frequente nas áreas onde predomina o bioma Caatinga (ALMEIDA; ALBUQUERQUE, 2002; ALMEIDA et al., 2005; ALBUQUERQUE, 2006; ALBUQUERQUE et al., 2007), havendo ainda poucos estudos nas outras localidades da região nordestina. Esse resgate do conhecimento tradicional aliado à ciência estimula a conservação dos recursos vegetais e o desenvolvimento sustentável de uma comunidade (KRUEL; SILVA; PINHEIRO, 2005).

4 AS PLANTAS MEDICINAIS E SEUS CUIDADOS

Uma planta é considerada medicinal quando as substâncias nelas encontradas permitem o uso para cura ou tratamento de doenças. Estas substâncias variam entre as inúmeras espécies e, na maioria das vezes são decorrentes das relações de defesa das plantas e a atração de polinizadores.

Os produtos à base de plantas medicinais são seguros quando utilizados corretamente (BRASIL, 2018). Os profissionais envolvidos com a fitoterapia e a pesquisa com plantas medicinais, seja relacionado ao uso (indicação, prescrição, orientação) ou à prospecção de novas biomoléculas, quer sejam eles curadores, pesquisadores e profissionais de saúde, preocupam-se com o uso correto e seguro, para alcançar eficácia e evitar ocorrência de efeitos adversos. Dessa forma, o uso seguro envolve, dentre outros aspectos, o modo de uso, a parte da planta utilizada, a identificação correta da planta, o uso por crianças, adultos e idosos, a dosagem e tempo de consumo, os efeitos adversos e as implicações da associação com outros medicamentos convencionais (COLET *et al.*, 2015).

A conservação inadequada pode levar à contaminação com toxinas fúngicas, as micotoxinas, que podem ocasionar efeitos hepáticos ou renais indesejáveis (MALONGANE; MCGAW; MUDAU, 2017). As micotoxinas são metabólitos secundários de certos fungos, com bioatividade tóxica para o homem e animais, resultantes do crescimento fúngico durante o armazenamento. Assim, a atenção e o cumprimento dos requisitos de segurança propostos pela Resolução 10/2010 da Diretoria Colegiada, da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (RDC 10/10) possibilitam assegurar as propriedades terapêuticas das plantas (BRASIL, 2010).

Conforme Armous, Santos e Beininger (2005), as plantas medicinais podem ser classificadas por categorias, de acordo com sua ação sobre o organismo, podendo serem: estimulantes; plantas medicinais de uso caseiro; calmantes; emolientes; fortificantes; de ação coagulante; diuréticas; sudoríferas; hipotensoras; de função reguladora intestinal; colagogas; depurativas; remineralizantes e reconstituintes.

As plantas extraídas são obtidas em áreas de mata, campo e banhados e a compra de plantas medicinais é realizada em mercados e feiras, farmácias e comércios locais (ZANK, ÁVILA, HANAZAKI, 2016, p. 160), e através da extração em ambientes naturais e da compra.

5 METODOLOGIA

O presente trabalho foi realizado por meio de uma revisão bibliográfica sobre as pesquisas de cunho etnobotânico realizadas em áreas pertencentes ao território original do bioma Caatinga e que abordou o uso ou o conhecimento de plantas medicinais.

Para compilação dos dados, foram analisados e compilados somente artigos científicos publicados em revistas nacionais, realizando pesquisas pela plataforma Google Acadêmico e considerando o intervalo de tempo entre 2010 e 2021, levando em conta apenas aqueles que abordavam as plantas medicinais usadas no bioma Caatinga, na região Nordeste.

Mediante os dados obtidos, uma breve discussão foi feita acerca das informações resultantes, traçando paralelos com outros trabalhos etnobotânicos realizados na Caatinga.

6 BIODIVERSIDADE E POTENCIAIS DAS PLANTAS MEDICINAIS

Foram inventariadas 233 espécies de plantas medicinais pertencentes a 78 famílias, sendo duas dessas, famílias de pteridófitas. Entre essas, a família Fabaceae apresentou o maior número de espécies medicinais catalogadas e de todas as espécies vistas no levantamento, 13 delas eram usadas para tratar 7 tipos de condições de saúde ou mais. Sobre a confecção dos fitoterápicos, a confecção de chá é a forma de preparo mais utilizada, representando mais da metade do

número de espécies, e as três partes vegetais mais utilizadas foram, respectivamente, a folha, a casca e a raiz. O nome vernacular e científico das espécies, forma de uso, parte utilizada e uso terapêutico estão apresentados no Quadro 1.

As três famílias mais representativas, Fabaceae, Asteraceae e Lamiaceae, condizem com os dados de muitos outros trabalhos realizados em áreas de Caatinga (ALMEIDA *et al.* 2006; AGRA *et al.*, 2007; MOSCA; LOIOLA, 2009; ROQUE *et al.*, 2010; RIBEIRO *et al.*, 2014). Tal informação corrobora com o fato dessa ser uma das famílias botânicas mais importantes medicinal e economicamente (GOMES *et al.*, 2008). Seus efeitos variam de anti-inflamatórios e anti-helmínticos, até efeitos antinociceptivos, antiepiléticos, antioxidantes, analgésicos e sedativos, contribuindo para o tratamento de inflamações, afecções genitourinárias, doenças respiratórias, dores reumáticas, e doenças no aparelho digestório (GOMES; BANDEIRA, 2012). A representatividade dessa família em relação às espécies medicinais utilizadas é reflexo da influência de fatores como: adaptabilidade e forma de vida, alto teor de compostos secundários e representatividade estimada em nível mundial, nacional e ecossistêmico. Fatores locais e culturais também estão inseridos como moduladores na representatividade da família.

Ao analisar os resultados compilados na tabela, observa-se que as formas de uso terapêutico mais evidentes foram no tratamento do sistema respiratório (32,19%), digestivo (26,61%), circulatório (15,45%), reprodutor (14,16%) e excretor (10,73%). Resultados como esses também foram vistos por Albuquerque e colaboradores (2007; 2009) e em todo Nordeste e outras regiões do Brasil (MONTELES; PINHEIRO, 2007; AMOROZO, 2002; HANAZAKI; LEITÃO-FILHO; BEGOSSI, 1996). Junto a essas formas de tratamento, outras que merecem atenção são nos casos de inflamação, dores em geral e câncer, vistas em 23, 22 e 5 espécies de plantas, respectivamente.

As formas de uso desses fitoterápicos muitas vezes se relacionam com aquilo que está sendo tratado, como é o caso de tratamentos do aparelho respiratório, onde geralmente ocorre a inalação, e do sistema digestivo, dado pelo uso oral (MONTELES; PINHEIRO, 2007).

QUADRO 1. Nome vernacular e científico das espécies, forma de uso, parte utilizada e uso terapêutico.

Família	Nome popular	Nome científico	Forma de Uso	Uso Terapêutico	Parte Usada
Selaginellaceae (Pteridophyta)	Mão-fechada	<i>Selaginella convoluta</i> (Arn.) Spring	Infusão	Icterícia	Folhas
Papilodaceae (Pteridophyta)	Avenca	<i>Adiantum capillus-veneris</i> L.	Sumo	Angina no peito	Folhas
Acanthaceae	Anador	<i>Justicia</i> sp.	Chá	Dores em geral, dor de cabeça	Folhas
Alismataceae	Língua-de-vaca	<i>Echinodorus subalatus</i> (Mart.) Griseb	Infusão, xarope	Dor de cabeça, enxaqueca	Folha
	Chapéu-de-couro	<i>Echinodorus grandiflorus</i> Mitch	Chá	Dor nos rins	Folhas
Alliaceae	Alho	<i>Allium sativum</i> L.	Inalação	Dor de cabeça	Raiz
	Cebola-branca	<i>Allium cepa</i> L.	Chá ou lambedor	Gripe, bronquite, sinusite	Folhas e Flor
Amaranthaceae	Mastruz	<i>Chenopodium ambrosioides</i> L.	Chá; Uso tópico	Verme; Fraturas; Inflamações; pancada	Folha
	Novalgina	<i>Pfaffia glomerata</i> (Spreng.) Pedersen	Chá	Fígado	Folha
	Capitãozinho	<i>Gomphrena demissa</i> Mart.	Xarope, infusão, maceração	Gripe	Raiz
Anacardiaceae	Aroeira	<i>Schinus terebinthifolium</i> Raddi	Chá; Banho; Maceração	Inflamação no útero; garganta; afina o sangue; Infecções; conjuntivite	Casca; folha

Família	Nome popular	Nome científico	Forma de Uso	Uso Terapêutico	Parte Usada
	Brauna	<i>Schinopsis brasiliensis</i> Engl	Maceração; chá; xarope	Próstata; afina o sangue; ossos; gripe	Casca
	Cajarana	<i>Spondias</i> sp.	Uso tópico	Mordida de cobra	Folha
	Cajueiro	<i>Anacardium occidentale</i> L.	Maceração; banho; chá; xarope	Infecções no útero; ferimentos; gripe; dor de barriga	Casca
	Manga-espada	<i>Mangifera indica</i> L.	Chá	Febre; dor de barriga	Folha
	Aroeira	<i>Myracrodruon urundeuva</i> Allemão	Xarope, maceração, tintura, infusão, banho	Câncer, inflamação, dor de garganta, doença renal, coluna, útero, ferimento	Casca, entrecasca
	Siriguela	<i>Spondias purpurea</i> L.	Chá	Diarreia, dor de barriga, gastrite	Folhas
	Imbu	<i>Spondias tuberosa</i> Arr. Can	Infusão	Corrimento de mulher	Raiz (tubérculo)
Annonaceae	Graviola	<i>Annona muricata</i> L.	Chá	Câncer; Dor de urina;	Folha
	Pinha	<i>Annona squamosa</i> L.	Chá	Garganta	Folha
	Imbiriba	<i>Annona</i> sp.		Amidalite	
	Pimenta de macaco	<i>Xylopiya aromatica</i> (Lam.) Mart.		Dores	
	Araticum	<i>Xylopiya sericea</i> St Hill		Próstata	
	Imbiriba	<i>Guatteria australis</i> A. St.Hil.	Chá	Dor no estômago, cólica geral, dor em geral	Folhas
Apiaceae	Coentro	<i>Coriandrum sativum</i> L.	Chá; banho	Mal olhado, diarreia	Semente
	Endro	<i>Anethum graveolens</i> L.	Chá	Gastura, pressão alta, calmante	Semente

Família	Nome popular	Nome científico	Forma de Uso	Uso Terapêutico	Parte Usada
	Erva-doce	<i>Pimpinella anisum</i> L.	Chá, torrado (em pó) com água	Vômito, dor no estômago, gastura	Folhas e Semente
Apocynaceae	Mangaba	<i>Hancornia speciosa</i> Gomes	Ingestão; Uso tópico	Pancada; Rebentação	Fruto; látex
	Pereiro	<i>Aspidosperma pyrifolium</i> Mart.	Chá	Garganta	Folha
	Boa-noite	<i>Catharanthus roseus</i> (L.) Don.	Sumo	Dor de ouvido	Folhas
	Janaguba	<i>Himatanthus drasticus</i> (Mart.) Plumel	Látex com água	Inflamação	Látex
Arecaceae	Licuri	<i>Syagrus coronata</i> (Mart.) Becc.	Chá	Gripe	Flor
	Carnaúba	<i>Copernicia cerifera</i> (Arruda) Mart.	Infusão, maceração	Inflamação na uretra	Raiz
	Macaúba	<i>Acrocomia aculeata</i> (Jacq.) Lodd. ex Mart.	Chá	Dor em geral, tosse	Flor
	Coco	<i>Cocos nucifera</i> L.	Chá	Infecção urinária, dor nos rins	Entrecasca, Fruto, Flor
Asphodelaceae	Babosa	<i>Aloe vera</i> (L.) Burm f.	Chá	Verme; "Fastiu"; Inflamações; Problema nas "juntas"	Folha
Asteraceae	Artemigio	<i>Artemisia vulgaris</i> L.	Chá	Dor na urina	Casca
	Candeia	<i>Gochnatia oligocephala</i> (Gardner) Cabrena	Chá; banho; outros	Comida que fez mal; verme; dores; mal olhado; dor de barriga; gastrite	Casca; folha

Família	Nome popular	Nome científico	Forma de Uso	Uso Terapêutico	Parte Usada
	Girassol	<i>Helianthus annus</i> L.	Chá; banho; inalação	Bom pra tudo; mal do vento	Semente
	Juiz-de-paz	<i>Acanthospermum hispidum</i> DC.	Chá	Comida que fez mal	Folha
	Losma	<i>Artemisia absinthium</i> L.	Chá	Cólicas; abortivo	Folha
	Capim de caboclo	<i>Aconthospermum</i> sp.		Sinusite, gripe	
	Camomila	<i>Matricaria chamomilla</i> L.		Nervos	
	Marcela	<i>Egletes viscosa</i> (L.) Less.		Problemas estomacais	
	Pluma	<i>Tanacetum vulgare</i> L.	Chá	Cólicas em geral, dores em geral	Folhas
	Carqueja	<i>Baccharis trimera</i> (Less.) DC	Chá	Dor no fígado	Folhas
	Espinho-de-agulha	<i>Bidens pilosa</i> L.	Chá	Males dos rins	Raiz
Bignoniaceae	Craibeira	<i>Tabebuia aurea</i> (Silva Manso) Benth. & Hook.f. ex S. Moore	Maceração	Dores na coluna; afina o sangue	Casca
	Pau-d'arco	<i>Handroanthus impetiginosus</i> Mattos	Chá; maceração	Asma; ovário; DST; sangue; ossos; fortificante; câncer, dor no estômago, gripe, má digestão, inflamação	Casca
	Catuaba	<i>Anemopaegma arvenses</i> (Vell.)		Impotência sexual	

Família	Nome popular	Nome científico	Forma de Uso	Uso Terapêutico	Parte Usada
	Pau-d'arco roxo	<i>Tabebuia impetiginosa</i> (Mart. ex DC.) Standl.	Pó, xarope, banho, maceração	Câncer, ferimento	Casca, entrecasca
Bixaceae	Urucum	<i>Bixa orellana</i> L.	Óleo	Gripe	Semente
Bombacaceae	Umburuçú	<i>Bombax coreaceae</i> Mart.		Hérnia, coluna	
Boraginaceae	Fedegoso	<i>Heliotropium elongatum</i> Willd.	Xarope, infusão	Gripe, tosse	Flor, raiz
	Frei-jorge	<i>Cordia trichotoma</i> (Vell.) Arráb. ex Steud.	Chá	Dor nos rins, inflamação em geral, bronquite	Casca do caule
	Crista de galo	<i>Heliotropium indicum</i> L.	De molho	Infecção urinária	Raiz
Brassicaceae	Feijão-bravo	<i>Capparis cynophallophora</i> L.	Maceração	Ferimentos	Fruto
	Mussambê	<i>Cleome spinosa</i> Jacq.	Xarope, infusão, maceração	Gripe, dor de ouvido, tosse	Flor, raiz
	Mostarda	<i>Brassica integrifolia</i> (H. West) Rupr.	Chá, torrado com água, de molho	Ramo no peito, trombose, tontura, derrame, dor de cabeça, gastura	Semente
	Agrião	<i>Nasturtium officinale</i> W.T. Aiton	Chá	Rouquidão, cólica de criança, dor de ouvido	Semente
Bromeliaceae	Abacaxi	<i>Ananas comosus</i> (L.) Merrill	Lambedor	Tosse	Fruto
Burseraceae	Imburana	<i>Commiphora leptophloeos</i> (Mart.) J.B. Gillett	Chá; Maceração	Dor de barriga; afina o sangue; Hemorróidas; gripe, asma, inflamação em geral, coriza, garganta inflamada	Casca

Família	Nome popular	Nome científico	Forma de Uso	Uso Terapêutico	Parte Usada
	Imburana-branca	Desconhecido	Banho	Inflamações no útero	Casca
	Mescla	<i>Protium heptaphyllum</i> March.	Chá; Inalação	Mal do vento; Congestão	Casca
Cactaceae	Mandacaru	<i>Cereus jamacaru</i> DC.	Chá	Gripe	Raiz
	Raiz de quipá	<i>Melocactus</i> sp.		Catarro preso	
	Xique-xique	<i>Pilosocereus gounellei</i> (F.A.C. Weber) Byles & G.D. Rowley	Maceração	Inflamação na uretra	Raiz
	Palma	<i>Opuntia cochenillifera</i> (L.) Mill	De molho	Disenteria, dor de barriga	Casca do caule
Cleomaceae	Mussambê	<i>Tarenaya spinosa</i> (Jacq.) Raf.	Chá, infusão, de molho	Bronquite, inflamação, gripe, umbigo inflamado	Folhas, Flor e Raiz
Caprifoliaceae	Flor de sabugueiro	<i>Sambucus nigra</i> L.		Dentição	
	Sabugueiro	<i>Sambucus australis</i> Cham. & Schlecht	Chá	Cólicas em geral	Flor
Caryocaraceae	Pequi	<i>Caryocar coriaceum</i> Wittm.	Óleo, lambedor	Gripe, pancadas	Fruto
Capparaceae	Feijão-bravo	<i>Capparis flexuosa</i> (L.) L.	Chá	Febre, depurativo	Folhas
Chrysobalanaceae	Oiticica	<i>Licania rigida</i> Benth	Maceração	Doenças dos rins, emagrecer	Folha

Família	Nome popular	Nome científico	Forma de Uso	Uso Terapêutico	Parte Usada
Chenopodiaceae	Mastruz	<i>Chenopodium ambrosioides</i> L.	Chá, sumo, suco com água ou leite	Reumatismo, úlcera, pancadas, cicatrizante, inflamação, dor no estômago, fraturas	Folha
Combretaceae	Mofumbo	<i>Combretum leprosum</i> Mart.	Maceração, infusão	Dor de barriga	Casca
	Castanhola	<i>Terminalia catappa</i> L.	Chá	Problema nos rins	Folhas
Cecropiaceae	Umburana de cheiro	<i>Sambucus nigra</i> L.		Problemas estomacais, gripe, pressão alta	
Caricaceae	Mamão	<i>Carica papaya</i> L.	Chá	Comida que fez mal	Folha
Celastraceae	Pau-colher	<i>Maytenus</i> sp.	Chá; Banho; Maceração	Inflamações; Ferimentos	Casca
Convolvulaceae	Batata de purga	<i>Ipomoea purga</i> (Wender.) Hayne		Laxante, gripe, vermes	
	Salsa	<i>Ipomoea asarifolia</i> (Desr.) Roem. & Schult.	Banho	Coceira, inflamação dos dentes	Toda a planta
	Batata-de-purga	<i>Operculina macrocarpa</i> (Linn) Urb.	"doce", xarope, pó, infusão	Verminose, catarro, doenças respiratórias, falta de apetite	Raiz
	Batata-doce	<i>Ipomoea batatas</i> (L.) Lam.	Chá	Dente inflamado	Folhas
Cucurbitaceae	Cabacinha	<i>Luffa operculata</i> (L.) Cogn.		Sinusite, abortivo	
	Batata de teiú	<i>Wilbrandia</i> sp.		Próstata, rins	
	São-Caetano	<i>Momordia charantia</i> L.	Banho; Chá	Coceira na pele; Dores; Cansaço; Verme; Tontura	Folha

Família	Nome popular	Nome científico	Forma de Uso	Uso Terapêutico	Parte Usada
	Cabeça-de-negro	<i>Apodanthera congestiflora</i> Cogn.	Banho, infusão, tintura, pó	Manchas de pele, sangue grosso, coceira	Raiz
	Jerimum	<i>Cucurbita pepo</i> L.	Pilada para Chá	Dor de barriga, gastura	Semente
	Melancia	<i>Citrullus vulgaris</i> Schrad.	Chá	Dor no estômago	Semente
Crassulaceae	Malva-corona	<i>Kalanchoe brasiliensis</i> Cambess.	Chá, suco, lambedor, cataplasma	Ferimentos na pele, inflamação, gripe, úlcera, dores em geral, dor na barriga	Folhas e Raiz
	Bálsamo	<i>Sedum praealtum</i> A. DC.	Chá	Gripe, gastrite	Folhas
Cyperaceae	Junco	<i>Cyperus articulatus</i> L.	Infusão	Dor de coluna	Raiz
	Barba-de-bode	<i>Fimbristylis vahlii</i> (Lam.) Link	Infusão	Doença dos rins	Raiz
Euphorbiaceae	Quebra-facão	<i>Croton</i> sp.	Maceração; Ingestão	“Quebra as coisas do mal”; mal olhado; Gripe	Casca
	Velame	<i>Croton heliotropiifolius</i> Kunth	Chá; Uso tópico	Dor de barriga; Gripe; “Coisas do ar”; Febre; Dor de cabeça	Raiz; Folha
	Favela	<i>Cnidoscolus phyllacanthus</i> (Müll. Arg.) Pax & L. Hoffm.	Maceração; Chá	Fraturas; pancadas	Raiz; Casca
	Pinhão	<i>Jatropha gossypifolia</i> L.	Banho	Mal olhado	Folha
	Pau de leite	<i>Euphorbia phosphorea</i> Mat.		Infertilidade feminina, inflamação	
	Marmeleiro	<i>Croton blanchetianus</i> Baill.	Xarope, infusão	Gripe, dor de barriga	Casca, entrecasca
	Favela	<i>Cnidoscolus quercifolius</i> Pohl	Maceração, banho, <i>in natura</i>	Ferimento, dor de dente, dor de coluna	Casca, látex, entrecasca

Família	Nome popular	Nome científico	Forma de Uso	Uso Terapêutico	Parte Usada
	Urtiga	<i>Cnidocolus urens</i> (L.) Arthur	Infusão	Inflamação na próstata, doença dos rins, apendicite	Raiz, entrecasca
	Quebra-faca	<i>Croton conduplicatus</i> Kunth	Chá, cataplasma	Inflamação no nariz, dor de cabeça	Folhas e casca do caule
	Mandioca	<i>Manihot esculenta</i> Crantz.	Chá	Diarréia, gastrite	Folhas e Raiz
	Mamona	<i>Ricinus communis</i> L.	De molho, sumo	Garganta inflamada, tônico capilar	Folhas
Fabaceae	Angico	<i>Anadethana colubrina</i> (Vell.) Brenan	Chá; Xarope	Gripe; Asma	Casca
	Arcançuz	<i>Periandra mediterranea</i> (Vell.) Taub	Chá	Gripe	Raiz
	Catingueira	<i>Poincianella pyramidalis</i> (Tull) L.P. Queiroz	Chá; Maceração	Dor de barriga; Inflamações no fígado; Comida que faz mal; Diarréia; Infecções; Sapinho	Folha; Casca; Flor; Raiz
	Comadema	<i>Andira humilis</i> Mart. ex. Benth.	Chá	Verme	Raiz
	Fedegoso	<i>Senna occidentalis</i> (L.) Link	Chá; Banho	Dor de barriga	Fruto; Folha
	Jatobá	<i>Hymenaea courbaril</i> L.	Xarope; Inalação; Chá	Gripe; "Catarro"; mal olhado; "Coisas do ar"	Casca
	Jiquirizeiro/ Calumbide-boi	<i>Piptadenia viridiflora</i> (Kunth.) Benth.	Chá; Maceração	Infarto; Coração,	Raiz

Família	Nome popular	Nome científico	Forma de Uso	Uso Terapêutico	Parte Usada
				Inflamações; Dor na coluna; Próstata	
	Jurema-preta	<i>Mimosa tenuiflora</i> (Willd.) Poir	Uso tópico; Chá	Ferimentos	Casca
	Mororó	<i>Bauhinia subclavata</i> Benth. in Mart	Chá; Maceração	Dor de barriga	Flor; casca
	Sucupira	<i>Bowdichia virgilioides</i> Kunth	Maceração; Chá	Afina o sangue	Casca
	Unha-de-gato	<i>Piptadenia stipulaca</i> (Benth.) Ducke	Chá; Banho	Gastrite; Banho de assento	Casca; raiz
	Pau ferro	<i>Chamaecrista ensiformis</i> (Vell)		Gripe, asma, anemia	
	Mulungu	<i>Erytrina mulungu</i> Mart. Ex. Benth		Nervos, insônia, pressão atla, dores de cabeça	
	Leucena	<i>Leucaena leucocephala</i> Lam.		Nervos, problemas estomacais	
	Barbatimão	<i>Stryphnodendron barbatimao</i> Mart.		Inflamação; gastrite	
	Jucá	<i>Caesalpinia ferrea</i> Mart.	Maceração, tintura, infusão, Chá	Doença dos rins, inflamação, cicatrizante, inflamação na uretra, pancada	Fruto
	Catingueira	<i>Caesalpinia pyramidalis</i> Tul.	Xarope	Gripe	Flor, casca

Família	Nome popular	Nome científico	Forma de Uso	Uso Terapêutico	Parte Usada
	Mata-pasto	<i>Senna obtusifolia</i> (L.) H.S. Irwin & Barneby	Xarope	Gripe	Flores
	Mororó-preto	<i>Bauhinia cheilantha</i> (Bong.) Steud.	Infusão	Doença nos rins	Raiz
	Mororó-branco	<i>Bauhinia pentandra</i> (Bong.) Vogel ex Steud.	Infusão, maceração	Inflamação, cicatrizante	Casca, entrecasca
	Cumaru	<i>Amburana cearensis</i> (Allemão) A. C. Sm.	Xarope, maceração, pó, 'balas'	Gripe, sinusite, dor de cabeça, dores musculares, tosse, prisão de ventre, tontisse	Casca, sementes
	Mucunã	<i>Dioclea grandiflora</i> Mart. ex Benth.	Amuleto, infusão	Força de dente, dor de dente	Semente, casca
	Mulungu	<i>Erythrina velutina</i> Willd.	Infusão	Dor de dente	Casca
	Umarizeiro	<i>Geoffroea spinosa</i> Jacq.	Maceração	Anemia	Casca
	Brejuí	<i>Myroxylon peruiferum</i> L. f.	Maceração, infusão, banho, xarope	Dor de coluna	Casca, resina
	Pau-ferro	<i>Libidibia ferrea</i> (Mart. ex Tul.) L.P. Queiroz	De molho	Dor nas pernas	Casca do caule
	Algaroba	<i>Prosopis juliflora</i> (Sw) D. C.	Chá	Dor de barriga	Folhas e Flor
	Barbatimão	<i>Stryphnodendron coriaceum</i> Benth.	De molho	Inflamação	Casca do caule

Família	Nome popular	Nome científico	Forma de Uso	Uso Terapêutico	Parte Usada
	Ingazeira	<i>Poecilanthe</i> sp.	De molho	Inchaço nas pernas	Casca do caule
Krameriaceae	Carrapicho-de-ovelha	<i>Krameria tormentosa</i> St. Hil.	Maceração, Uso tópico	Infecções; Caroços na pele; Colesterol	Folha
Lamiaceae	Hortelã-graúdo	<i>Plectranthus amboinicus</i> (Lour) Spreng.	Chá; Xarope	Gripe; Hemorragias; Cólicas; Anemia	Folha
	Hortelã-miúdo	<i>Mentha pulegium</i> L.	Chá; Xarope	Gripe; Hemorragias; Cólicas; Anemia	Folha
	Mangericão	<i>Ocimum basilicum</i> L.	Chá; Uso tópico	Asma; Gripe; Dor de ouvido	Folha
	Samba-caetá	<i>Hyptis pectinata</i> (L.) Poit	Chá; Banho	Inflamação; Ferimentos	Folha
	Alecrim de caboclo	<i>Rosmaris officinalis</i> L.		Gripe	
	Boldo	<i>Plectranthus barbatus</i> Andrews		Problemas estomacais	
	Alfazema-braba	<i>Hyptis suaveolens</i> (L.) Poit.	Inalação, infusão, banho	Estalícido, doenças respiratórias, gripe	Toda a planta
	Betônica	<i>Marsypianthes chamaedrys</i> (Vahl) Kuntze	Banho	Reumatismo	Toda a planta
Jaramataia	<i>Vitex gardneriana</i> Schauer	Xarope, infusão	Verminose, gripe, estalícido, gases, dor de barriga, sinusite, inflamação na próstata	Folhas	

Família	Nome popular	Nome científico	Forma de Uso	Uso Terapêutico	Parte Usada
	Hortelã	<i>Mentha spicata</i> L.	Lambedor e Chá	Ramo do peito, febre, colesterol alto, fraqueza, gripe, dor de cabeça, garganta inflamada, acidente vascular cerebral, trombose, derrame, problemas de coração, ramo no olho, calmante, má digestão, cólica menstrual	Folhas
	Alfavaca	<i>Ocimum gratissimum</i> L.	De molho e Chá	Inflamação, coriza	Folhas
	Patchuli	<i>Pogostemon cablin</i> (Blanco) Benth.	Chá	Doenças do coração	Semente
Lauraceae	Canela	<i>Cinnamomum zeylanicum</i> Beryn.		Nervos, sangue	
	Louro	<i>Laurus nobilis</i> L.	Chá	Cólica menstrual	Folhas
	Abacate	<i>Persea americana</i> Mill.	Chá e sumo	Inflamações na boca, pedras nos rins, infecção urinária, dor nos rins	Folhas
Lytraceae	Romã	<i>Punica granatum</i> L.	Chá; Ingestão	Garganta	Fruto
Linaceae	Linhaça	<i>Linum usitaissimum</i> L.		Colesterol	
	Anis estrelado	<i>Illicium verum</i> Hook. F.		Dor de cabeça	
Malpighiaceae	Murici	<i>Byrsonima vacciniifolia</i> A. Juss.	Chá	Inflamações; Gastrite	Casca

Família	Nome popular	Nome científico	Forma de Uso	Uso Terapêutico	Parte Usada
Malvaceae	Embiratã	<i>Pseudobombax marginatum</i> (A. St.-Hil., Juss. & Cambess.) A. Robyns	Maceração	Dor de coluna	Entrecasca
	Algodão-brabo	<i>Gossypium hirsutum</i> L.	Chá e torrado (em pó)	Depurativo	Semente
	Malva Branca	<i>Sida cordifolia</i> L.	Chá, lambedor	Inflamação, gripe, tosse, garganta inflamada	Raiz
Melastomataceae	Barbatimão	<i>Miconia ferruginata</i> DC.	Chá; Banho; Maceração	Inflamações; Ferimentos	Casca; folha
Meliaceae	Cedro	<i>Cedrela odorata</i> L.	Inalação; Banho	Derrame; Congestão; Febre; Dor de cabeça	Folha; casca
Monimiaceae	Boldo	<i>Peumus boldus</i> Mol.	Chá	Labirintite, dor no estômago, dor em geral, gripe, má digestão, dor na barriga, infecção no intestino, dor no fígado	Folhas
Musaceae	Banana-verde	<i>Musa paradisiaca</i> L.	Chá; látex com água	Dor de barriga, ulcera, dor de dente, verruga, gripe	Fruto
Myristicaceae	Noz-moscada	<i>Myristica frangans</i> Houtt.	Chá, raspas com água, de molho	Gastura, dor em geral, dor no estômago, cólica geral, tontura, dor de cabeça, cólicas menstruais	Fruto
Myrtaceae	Araçá-de-moça	<i>Eugenia</i> sp.	Chá	Dor de Barriga; Diarréia	Folha; Casca; Fruto

Família	Nome popular	Nome científico	Forma de Uso	Uso Terapêutico	Parte Usada
	Goiabeira	<i>Psidium guajava</i> L.	Chá	Dor de Barriga	Folha; Casca; Fruto
	Eucalipto	<i>Eucalyptus</i> sp.		Gripe, expectorante	
	Eucalipto	<i>Eucalyptus globulus</i> Labill.	Chá ou infusão	Febre, garganta inflamada, asma, gripe, congestão nasal	Folhas
	Cravo-da-índia	<i>Eugenia caryophyllus</i> Spreng.	Chá	Cólica menstrual	Botões florais
	Jambo	<i>Eugenia Malaccensis</i> Linn.	Chá	Dor de dente	Casca do caule
Nyctaginaceae	Bandola	<i>Pisonia laxa</i> Netto	Maceração; Chá	Tira resto de parto; diminui o fluxo menstrual	Casca
	Pega-pinto	<i>Boerhavia diffusa</i> L.	Chá; Ingestão	Infecção urinária	Raiz
	Pega-pinto	<i>Boerhavia coccinea</i> Willd.	Sumo	Inflamação	Raiz
Olacaceae	Oliveira	<i>Olea europaea</i> L.		Todos os males	
	Ameixa	<i>Ximenia americana</i> L.	Chá, infusão, de molho, cataplasma, casca torrada (em pó)	Inflamação uterina, garganta inflamada, inflamação ginecológica, ferimentos, cicatrizante, inflamação, cansaço, dores	Folhas, Casca do caule e Entrecasca do caule
Papaveraceae	Carro-santo	<i>Argemone mexicana</i> L.	Chá	Bronquite	Raiz
Passifloraceae	Maracujá-bravo	<i>Passiflora</i> sp.	Chá; Ingestão	Calmanete	Folha; Fruto
	Maracujá-manso	<i>Passiflora cedula</i> Sims.	Chá; Ingestão	Calmanete	Folha; Fruto

Família	Nome popular	Nome científico	Forma de Uso	Uso Terapêutico	Parte Usada
	Maracujá-do-mato	<i>Passiflora foetida</i> L.	Suco	Insônia	Fruto
	Maracujá-do-mato	<i>Passiflora cincinnata</i> Mast,	Chá	Nervosismo, pressão alta, dor de urina, calmante	Folhas
Pedaliaceae	Gergelim	<i>Sesamum indicum</i> L.	Chá torrada, pilada de molho, óleo	Febre, afina o sangue, inflamação, tônico capilar, hematomas	Semente
Phyllanthaceae	Quebra-pedra	<i>Phyllanthus niruri</i> L.	Maceração; Chá	Vesícula; dor nos rins, dor no fígado, pedras nos rins	Folha
Piperaceae	Pimenta-do-reino	<i>Piper nigrum</i> L.	Sumo	Depurativo	Folhas
Plantaginaceae	Vassourinha	<i>Scoparia dulcis</i> L.	Xarope, infusão, maceração, ramo	Gripe, asma, machucado, fraturas, mal olhado, quebrante	Folhas, raiz
	Transagem	<i>Plantago major</i> L.	Lambedor, Chá	Inflamação, falta de ar	
Polygonaceae	Cauaçu	<i>Triplaris gardneriana</i> Wedd.	Xarope, infusão	Gastrite, úlcera	Casca
Polygalaceae	Laça-vaqueiro	<i>Bredemeyera brevifolia</i> Klotzk.	Chá	Dores reumáticas	Raiz
Phytolaccaceae	Cambambá/ Guinezinha	<i>Petiveria alliaceae</i> L.	Chá; Maceração	Congestão; Dor na coluna	Folha; casca
	Tipi, tipé	<i>Petiveria alliceae</i> L.		Reumatismo	
Poaceae	Cana-caiana	<i>Saccharum officinarum</i> L.	Chá	Coração acelerado	Folha
	Capim-açu	<i>Digitaria insularis</i> (L.) Fedde	Uso tópico	Ferimentos	
	Capim-cabóclo	<i>Paspalum</i> sp.	Chá	Dor de urina	Folha

Família	Nome popular	Nome científico	Forma de Uso	Uso Terapêutico	Parte Usada
	Capim-santo	<i>Cymbopogon citratus</i> (DC.) Stapf	Chá	Dor de barriga; "Tudo"; Pressão	Folha
	Pichuri	<i>Cymbopogon citratus</i> (DC.) Stapf		Dores	
	Milho-roxo	<i>Zea mays</i> L.	Chá	Dor de barriga, vômito, má digestão	Estigma
Rhamnaceae	Juá	<i>Ziziphus joazeiro</i> Mart.	Chá	Gripe; Asma; Gazes	Casca
Rubiaceae	Jenipapo-do-mato	<i>Genipa</i> sp.	Uso tópico	Dores na "junta"; Ossos	Casca
	Quina-quina	<i>Chiococca alba</i> (L.) Hitch.	Chá; Banho	Afina o sangue; desce menstruação; Dores	Casca; Folha
	Papaconha	<i>Cephaelus ipecacunha</i> Rich.		Gripe, ameba	
	Jenipapo	<i>Tocoyena formosa</i> (Cham. & Schltld.) K. Schum.	Maceração	Machucados	Casca
	Quina-da-serra	<i>Guettarda angelica</i> Mart. ex Müll. Arg.	Xarope, chá	Febre	Casca
	Jenipapo	<i>Genipa americana</i> L.	Chá	Fraturas	Fruto e casca do caule
	Café	<i>Coffea arabica</i> L.	Torrado (em pó)	Garganta inflamada	Semente
	Quina-quina	<i>Coutarea hexandra</i> (Jacq.) K. Schum.	Chá ou infusão	Febre, inflamação no nariz	Raiz, casca do caule e entrecasca do caule

Família	Nome popular	Nome científico	Forma de Uso	Uso Terapêutico	Parte Usada
Rutaceae	Arruda	<i>Ruta graveolens</i> L.	Chá; Uso tópico	Congestão; mal olhado; Dor de ouvido	Folha
	Bom-pra-tudo	<i>Zanthoxylum</i> sp	Chá	Inflamações no fígado;	Casca
	Limão	<i>Citrus aurantifolia</i> (Christm.) Swingle	Chá, lambedor, suco, sumo	Gripe, garganta inflamada, febre, caspas	Fruto
	Laranja	<i>Citrus sinensis</i> Osbeck.	Chá, infusão, de molho, sumo da casca do fruto, lambedor	Gripe, garganta inflamada, intestino preso, dor no estômago, calmante, febre, gastura, má digestão	Folhas, Casca do caule e casca do fruto
	Tangerina	<i>Citrus reticulata</i> B.	Chá	Colesterol alto, labirintite	Casca do fruto
Sapotaceae	Quixabeira	<i>Sideroxylon obtusifolium</i> (Roem. & Sch.) T.D.Penn.	Chá; Maceração	Pancada	Casca
Selaginellaceae	Jericó	<i>Selaginella convoluta</i> (Arn.) Spring	Maceração	Sarna; afina o sangue;	Folha
Solanaceae	Jurubeba	<i>Solanum paniculatum</i> L.	Chá; ingestão; outros	Gripe; Inflamações no fígado; Tuberculose; Gastrite	Fruto; semente
	Manacá	<i>Brunfelsia uniflora</i> (Pohl) D. Don	Banho; Maceração	Caroço na pele; DST;	Casca
	Zabumbá	<i>Physalis</i> sp.	Chá	Asma	Flor
	Melancia-da-praia	<i>Solanum agrarium</i> Sendtn.	Xarope, infusão	Tosse	Fruto, raiz
	Jurubeba	<i>Solanum</i> sp.	Maceração, infusão	Verminose, cicatrizante, inflamação	Folha

Família	Nome popular	Nome científico	Forma de Uso	Uso Terapêutico	Parte Usada
	Melão-da-praia	<i>Solanum</i> sp.	Lambedor	Problemas oftalmológicos	Fruto
	Batata inglesa	<i>Solanum tuberosum</i> L.	Sumo	Gastrite, enxaqueca	Raiz
	Berinjela	<i>Solanum melongena</i> L.	De molho	Colesterol alto	Folhas
	Tomate	<i>Solanum lycopersicum</i> L.	Sumo	Problemas oftalmológicos	Folhas
Terstroemiaceae	Chá preto	<i>Thea sinensis</i> L.		emagrecimento	
Tiliaceae	Carrapicho de boi	<i>Triumpheta semitrilobata</i> L.		fluxo menstrual	
Sterculiaceae	Malva-do-reino	<i>Waltheria indica</i> L.	Lambedor	Garganta inflamada, gripe, dor de cabeça, tosse, inflamação, dor de estômago	Folhas
Turneraceae	Chanana	<i>Turnera subulata</i> Sm.	Banho, maceração, infusão, compressa	Coceira, tumor, gripe, cortes, abortivo	Raiz e flor
Umbeliferae	Endro	<i>Foeniculum vulgare</i> Mill.		Dentição	
	Erva doce	<i>Pimpinella anisum</i> L.		Dentição	
Verbenaceae	Alecrim	<i>Lippia thymoides</i> Mart. & Schauerer	Chá; Banho	Gripe; Tosse; Cansaço; Nariz entupido; Febre; Reumatismo	Folha
	Erva-cidreira	<i>Lippia alba</i> (Mill.) N. E. Br	Chá	Dor de barriga; "Tudo"; Pressão; Barriga inchada; comida que faz mal; calmante; cólicas	Folha
Violaceae	Pulga-do-campo	<i>Hybanthus calceolaria</i> (L.) Oken	Chá	Gripe, "Catarro"; Congestão; Dor de barriga	Raiz

Família	Nome popular	Nome científico	Forma de Uso	Uso Terapêutico	Parte Usada
Vitaceae	Parreira	<i>Cissus simsiana</i> Schult. & Schult. f.	Chá; Maceração	Tirar resto de parto	Raiz
	Endio	Desconhecido	Chá; Banho	Mal olhado	Semente
	Maria-da-costa	Desconhecido	Chá	Infecção urinária	Casca
	Pau-de-rapoza	Desconhecido	Maceração	Nervos	Raiz
Xanthorrhoeaceae	Babosa	<i>Aloe vera</i> (L.) Burm. f	Sumo, lambedor	Inflamação, gripe, afina o sangue, tônico capilar, câncer, hemorroidas, dores em geral	Folhas
Zingiberaceae	Gengibre	<i>Zingiber officinalis</i> L.	Chá, de molho	Gripe, dor em geral, cólica, tontura	Raiz

Fonte: ROQUE; ROCHA; LOIOLA, 2010; GOMES; BANDEIRA, 2012; RIBEIRO *et al.*, 2014; SÁ-FILHO *et al.*, 2021.

O uso de plantas medicinais no tratamento de transtornos relacionados ao sistema respiratório também foi algo bem evidente no estudo de Ribeiro e colaboradores (2014), chegando a 129 citações de uso; a espécie mais citada para esse tipo de tratamento foi a espécie de Boldo *Plectranthus barbatus*. Outros estudos que corroboram isso são os de Gomes e Bandeira (2012), de maneira similar a alguns outros estudos no Nordeste do Brasil (MONTELES; PINHEIRO, 2007) e em áreas de Caatinga (ALBUQUERQUE *et al.*, 2007; ALBUQUERQUE *et al.*, 2006), bem como no continente africano (BETTI, 2004).

Uma espécie muito importante e bastante citada em trabalhos etnobotânica na Caatinga é a *Myracrodruon urundeuva* Allemão (Aroeira), haja vista sua menção por 89,5% dos entrevistados no trabalho de Cordeiro e Félix (2014), cujos usos associados a essa espécie tratam de problemas estomacais, doenças do aparelho respiratório, inflamação e cicatrizante. Não obstante, outros usos são atribuídos a essa planta, como visto em muitos trabalhos, tais como: combate ao câncer, inflamações, dor de garganta, doenças renais, problemas de coluna, cicatrizante, próstata, inflamação no colo do útero, bronquite, difteria, inflamação no fígado, diarreia, gastrite, coceira, tosse (ROQUE *et al.*, 2010; SILVA; FREIRE, 2010; MARINHO *et al.*, 2011).

Por outro lado, o uso muito frequente da Aroeira a fez ser incluída na "Lista Oficial da Flora Brasileira Ameaçada de Extinção" (BRASIL, 2008). O seu consumo vinculado a retirada de suas cascas muitas vezes interfere no desenvolvimento e leva a mesma à morte, como registrado na comunidade de Laginhas, no município de Caicó - RN (ROQUE; ROCHA; LOIOLA, 2010).

No presente levantamento, viu-se que a espécie de Hortelã *Mentha spicata* L. foi a que teve a maior quantidade de enfermidades tratadas, algo que também foi visto por Ribeiro *et al.* (2014), autor esse que registrou a mesma sendo usada no tratamento de oito tipos de sistemas corporais e ainda contava com 14 propriedades atribuídas, não sendo novidade o fato de que ela está entre as 71 plantas com interesse no uso medicinal pelo SUS (BRASIL, 2009).

Folhas, cascas e raízes foram as partes vegetais mais citadas no estudo, e está de acordo com estudos similares no semiárido, a exemplos dos resultados obtidos por autores como Franco e Barros (2006) no quilombo Olho D'água dos Pires - PI; em Santo Antônio do Leveger - MT por Amorozo (2002); no Cariri

Paraibano por Agra e colaboradores (2007) e no Raso da Catarina – BA por Gomes e Bandeira (2012). Na própria Caatinga, estudos já relataram que o alto uso das cascas de plantas medicinais está atrelado à disponibilidade desse recurso vegetal ao longo de todo ano (ALBUQUERQUE; ANDRADE, 2002; ALMEIDA; ALBUQUERQUE, 2002).

Na pesquisa de Ribeiro e colaboradores (2014), folhas e cascas também foram as partes vegetais mais utilizadas, com a raiz aparecendo logo depois da semente, que estava em terceiro lugar. Além disso, tais autores também indicavam que o uso muito frequente de folhas pode estar ligado ao uso de plantas herbáceas que possuem folhas disponíveis durante todo o ano, independente do clima. Por outro lado, a predominância do uso da casca em algumas regiões pode estar atrelada à indisponibilidade das folhas pela sazonalidade presente em regiões do semiárido nordestino, algo que influencia bastante a escolha da parte vegetal explorada em uma dada fitoterapia (SILVA; ALBUQUERQUE, 2005; ALBUQUERQUE *et al.*, 2008; LUCENA *et al.*, 2008; CARTAXO *et al.* 2010).

Similarmente, cascas e raízes foram as partes vegetais mais utilizadas no trabalho de Roque, Rocha e Loiola (2010), outros trabalhos mencionam o uso predominante de folhas (ALBUQUERQUE; ANDRADE. 2002; FRANCO; BARROS, 2006; TEIXEIRA; MELO, 2006), reforçando, mais uma vez, a variação no tipo de porção vegetal explorada em função da sazonalidade típica da região em que seus exploradores habitam.

As espécies com partes vegetais exploradas como raízes, caule e cascas do caule são negativamente afetadas pelo fato do dano causado a essas plantas ser muito alto e acabar levando à sua morte (RODRIGUES; CARVALHO, 2001). Algo que reforça isso é o registro desses mesmos autores sobre a ação de raizeiros que coletam raízes sem um manejo adequado, usufruindo desses recursos à medida que vão precisando dele, mesmo não havendo uma ação proposital de desperdício. Muitos outros trabalhos também mencionam a predominância do uso de raízes e caules (SILVA; FREIRE, 2010; ROQUE *et al.*, 2010; MARINHO *et al.*, 2011; CORDEIRO; FÉLIX, 2014).

O preparo de chás foi a forma de uso mais predominante nos dados compilados no presente trabalho, de maneira similar a alguns trabalhos. Essa técnica representou mais de 50% do que foi visto por Ribeiro *et al.* (2014), da mesma forma que o registrado em outros levantamentos etnobotânicos (CARTAXO

et al., 2010; OLIVEIRA *et al.*, 2010; MARINHO *et al.*, 2011). As infusões e decocções, dois processos análogos ao preparo do chá, representam as principais formas de preparo dos vegetais para seu uso fitoterápico (SILVA; FREIRE, 2010; ROQUE *et al.*, 2010; MARINHO *et al.*, 2011; CORDEIRO; FÉLIX, 2014).

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho pode comprovar a predominância dos artigos relacionados com plantas medicinais, os quais tiveram um papel fundamental no avanço e desenvolvimento na área da etnobotânica após os anos 2000, pois a presente pesquisa aponta e reforça sobre o alto potencial medicinal da Caatinga no tratamento de doenças relacionados aos sistemas respiratório, digestivo, circulatório e reprodutor, com foco maior no uso de partes vegetais tais como folhas, cascas e raízes. Nesse levantamento, pode ser refletido o elevado potencial medicinal, revelando a importância de futuros estudos científicos mais acurados sobre as propriedades, métodos extrativos e a presença de metabólitos secundários.

A facilidade de obtenção das plantas medicinais no ambiente natural, as quais crescem espontaneamente nos arredores dos domicílios, fácil adaptação na forma de cultivo, são alguns exemplos da praticidade do seu uso para o tratamento de doenças, principalmente entre os povos e comunidades tradicionais, assim como a população de baixa renda.

Podemos também observar que comunidades rurais e urbanas ganham destaque nos trabalhos de etnobotânica atualmente, representando a ampliação do universo de pesquisa da área, englobando não só comunidades tradicionais, como também comunidades com um perfil mais urbanizado.

Destaca-se, a necessidade de maior atenção para investigações dessas espécies, tendo em vista a possível perda de conhecimentos de uma gama de plantas com potenciais medicinais na caatinga, que ainda são desconhecidas pela sociedade.

8 REFERÊNCIAS

AB'SÁBER, Aziz Nacib. **Os domínios de natureza no Brasil: potencialidades paisagísticas**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

ABÍLIO, Francisco José Pegado; FLORENTINO, Hugo da Silva; RUFFO, Tiago Leite de Melo. Educação Ambiental no bioma caatinga: formação continuada de professores de escolas públicas de São João do Cariri, Paraíba. **Pesquisa em Educação Ambiental**, v. 5, n. 1, p. 171-193, 2010.

AGRA, M.F. *et al.* Sinopse da flora medicinal do Cariri paraibano. **Oecologia Brasiliensis** 11(3): 323-330, 2007.

ALBUQUERQUE, U. P. Introdução à etnobotânica. 2. ed. Rio de Janeiro: **Editora Interciência**. 93p, 2005.

ALBUQUERQUE, U.P. *et al.* How ethnobotany can aid biodiversity conservation: reflections on investigations in the semiarid region of NE Brazil. **Biodiversity and Conservation** 18: 127-150, 2009.

ALBUQUERQUE, U.P. *et al.* Medicinal plants of the Caatinga (semi-arid) vegetation of NE Brazil: A quantitative approach. **Journal of Ethnopharmacology** 114: 325-354, 2007.

ALBUQUERQUE, U.P. Implications of ethnobotanical studies on bioprospecting strategies of new drugs in semi-arid regions. **The Open Complementary Medicine Journal**, v. 2, p. 21-23, 2010.

ALBUQUERQUE, U.P.; ANDRADE, L.H.C. Conhecimento botânico tradicional e conservação em uma área de Caatinga no estado de Pernambuco, Nordeste do Brasil. **Acta Botanica Brasilica** 16(3): 273-285, 2002.

ALBUQUERQUE, U.P.; LUCENA, R.F.P.; ALENCAR, N.L. Métodos e técnicas para coleta de dados etnobotânicos. In: ALBUQUERQUE, U.P., LUCENA, R.F.P., CUNHA, L.V.F.C. (Orgs), **Métodos e técnicas na pesquisa etnobotânica**. COMUNIGRAF, Recife. p. 41–72, 2008.

ALMEIDA, C.F.C.B.R. *et al.* Medicinal plants popularly used in the Xingó region - a semi-arid location in northeastern Brazil. **Journal of Ethnobiology and Ethnomedicine**, v. 2, n.15, p. 1-7, 2006.

ALMEIDA, C.F.C.B.R. *et al.* Life strategy and chemical composition as predictors of the selection of medicinal plants from the caatinga (Northeast Brazil). **Journal of arid Enviroments**. v.62, p.127-142, 2005.

ALMEIDA, C.F.C.B.R.; ALBUQUERQUE, U.P. Uso e conservação de plantas e animais medicinais no estado de Pernambuco (Nordeste do Brasil): um estudo de caso. **Interciência**, v.26, p.276–285, 2002.

ALVES, G. S. P.; POVH, J. A. Estudo etnobotânico de plantas medicinais na comunidade de Santa Rita, Ituiutaba – MG. **Revista Biotemas**, v.26, n.3, p.34-41, 2013.

AMOROZO, M. C. M. Uso e diversidade de plantas medicinais em Santo Antônio do Leveger, MT, Brasil. **Acta Botanica Brasilica** 16(2): 189-203, 2002.

ANDRADE-LIMA, D.A. The caatingas dominium. **Brasillian Botany**, Rio de Janeiro, v.4, n.1, p. 149-163, 1981.

ARAÚJO, Carla Souza; SOBRINHO, José Falcão. O bioma caatinga no entendimento dos alunos da rede pública de ensino da cidade de Sobral, Ceará. **Revista Homem, Espaço e Tempo**, Sobral, p. 33-51, mar., 2009.

ARNOUS, A.H; SANTOS, A.S; BEINNER, R.P.C. Plantas medicinais de uso caseiro, Conhecimento popular e interesse por cultivo comunitário. **Revista Espaço para a Saúde**, Londrina, v.6, n.2, p.1-6, jun. 2005.

ARNOUS, Amir Hussein; SANTOS, Antonio Sousa; BEINNER, Rosana Passos Cambraia. Plantas medicinais de uso caseiro-conhecimento popular e interesse por cultivo comunitário. **Revista espaço para a saúde**, v. 6, n. 2, p. 1-6, 2005.

BETTI, Jean L. An ethnobotanical study of medicinal plants among the Baka pygmies in the Dja Biosphere Reserve, Cameroon. **African Study Monographs**, v. 25, n. 1, 1-27, 2004.

BRAGA, Carla de Moraes. Histórico da utilização das plantas medicinais. Brasília: [s.n.], 2011.

BRASIL. Agência Nacional de Vigilância Sanitária. **Memento Terapêutico Fitoterápico**, 2016. Brasília: ANVISA, 2016. Disponível em: <<http://portal.anvisa.gov.br/documents/33832/2909630/Memento+Fitoterapico/>> Acesso em: maio de 2020.

BRASIL. Ministério da Saúde RENISUS. **Relação nacional de plantas medicinais de interesse ao SUS**. Espécies vegetais. 2009. Disponível em: <<http://portal.saude.gov.br/portal/arquivos/pdf/RENISUS.pdf>>. Acesso em: 20 dez 2022.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Agência Nacional de Vigilância Sanitária. Resolução de Diretoria Colegiada - RDC nº. 10**, de 9 de março de 2010. Dispõe sobre a notificação de drogas vegetais junto à Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA) e dá outras providências. Diário Oficial da União, Poder Executivo, Brasília, DF, Seção 1, 2010.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Plantas medicinais e fitoterápicos no SUS**, 2018. Disponível em: <http://portalms.saude.gov.br/acoes-e-programas/programa-nacional-de-plantas-medicinais-e-fitoterapicos-ppnmpf/plantas-medicinais-e-fitoterapicos-no-sus> Acessado em: 20 de dez, 2018.

CARTAXO, S.L.; SOUZA, M.M.A.; ALBUQUERQUE, U.P. Medicinal plants with bioprospecting potential used in semi-arid northeastern Brazil. **Journal of Ethnopharmacology**. v.131, p. 326-342, 2010.

COLET, Cristiane F. *et al.* Análises das embalagens de plantas medicinais comercializadas em farmácias e drogarias do município de Ijuí/RS. **Revista Brasileira de Plantas Medicinais**, Botucatu, v. 17, n. 2, p. 331-339, jun. 2015.

CORDEIRO, J. M. P.; FÉLIX, L. P. Conhecimento botânico medicinal sobre espécies vegetais nativas da caatinga e plantas espontâneas no agreste da Paraíba, Brasil. **Revista Brasileira de Plantas Medicinais**, v. 16, p. 685-692, 2014.

DRUMOND, M. A.; KIILL, L. H. P.; NASCIMENTO, CE de S. **Inventário e sociabilidade de espécies arbóreas e arbustivas da caatinga na região de Petrolina**, PE. 2002.

FAGUNDES, N. C. A., OLIVEIRA, G. L., SOUZA, B. G. Etnobotânica de plantas medicinais utilizadas no distrito de Vista Alegre, Claro dos Poções – Minas Gerais. **Revista Fitos**, Rio de Janeiro, Vol. 11(1), 1-118. ISSN: 2446-4775, 2017.

FORZZA, R.C. *et al.* New Brazilian Floristic List Highlights Conservation Challenges. **BioScience**, v.62, n. 1, jan. 2012.

- FRANCO, E.A.P.; BARROS, R.F.M. Uso e diversidade de plantas medicinais no Quilombo Olho D'água dos Pires, Esperantina, Piauí. **Revista Brasileira de Plantas Mediciniais** 8(3): 78-88, 2006.
- GOMES, E. C. S. *et al.* Plantas da caatinga de uso terapêutico: levantamento etnobotânico. *Engenharia Ambiental: Pesquisa e Tecnologia*, 5: 74-85, 2008.
- GOMES, Thiago Bezerra; BANDEIRA, Fábio Pedro Souza de Ferreira. Uso e diversidade de plantas medicinais em uma comunidade quilombola no Raso da Catarina, Bahia. **Acta Botanica Brasilica**, v. 26, p. 796-809, 2012.
- GOTTLIEB, S.L. *et al.* Biodiversidade: o enfoque interdisciplinar brasileiro. **Ciência e Saúde Coletiva** 3(2): 97-102, 1998.
- HANAZAKI, N.; LEITÃO-FILHO, H. F.; BEGOSSI, A. Uso de recursos na mata atlântica: o caso do Pontal do Almada (Ubatuba, Brasil). **Interciencia** 21(6): 268-276, 1996.
- KRUEL, V. S. F.; SILVA, I. M.; PINHEIRO, L. U. B. O Ensino Acadêmico da Etnobotânica no Brasil. **Revista do Jardim Botânico do Rio de Janeiro - Rodriguésia**. Rio de Janeiro, RJ. v.56, n.87, p.97-106, 2005.
- LUCENA, R.F.P. *et al.* Local Uses of Native Plants in a Area of Caatinga Vegetation (Pernambuco, NE Brazil). **Ethnobotanical Research & Applications**, v. 6 p. 03-13. 2008.
- MACIEL, M.A.M. *et al.* Plantas medicinais: a necessidade de estudos multidisciplinares. **Revista Química Nova**, v. 23, n. 3, p. 429-438. 2002.
- MALONGANE, F.; MCGAW, L. J.; MUDAU, F. N. The synergistic potential of various teas, herbs and therapeutic drugs in health improvement: a review. **Journal of the Science of Food and Agriculture**, London, v. 97, n. 14, p. 4679-4689, nov. 2017.
- MARINHO, M.G.V.; SILVA, C.C.; ANDRADE, L.H.C. Levantamento etnobotânico de plantas medicinais em área de caatinga no município de São José de Espinharas, Paraíba, Brasil. **Revista Brasileira de Plantas Mediciniais**, v.13, n.2, p.170-182, 2011.
- MONTEIRO, S. C.; BRANDELLI, C. L. C. Farmacobotânica: aspecto teórico e aplicação. Porto Alegre: **Artmed**, 2017.
- MONTELES, R.; PINHEIRO, C.U.B. Plantas medicinais em um quilombo maranhense: uma perspectiva etnobotânica. **Revista de Biologia e Ciências da Terra** 7(2): 38-48, 2007.
- OLIVEIRA, E.R.; MENINI NETO, L. Levantamento etnobotânico de plantas medicinais utilizadas pelos moradores do povoado de Manejo, Lima Duarte – MG. **Revista Brasileira de Plantas Mediciniais**, v.14, n.2, p.311-320, 2012.
- OLIVEIRA, F. *et al.* **Conhecimento e Uso de Plantas Mediciniais por Usuários de Unidades Básicas de Saúde na Região de Colombo**. PR: [s.n.], Volume 2, 2018.
- OLIVEIRA, F.C.S.; BARROS, R.F.M.; MOITA NETO, J.M. Plantas medicinais utilizadas em comunidades rurais de Oeiras, semiárido piauiense. **Revista Brasileira de Plantas Mediciniais**, Botucatu, v.12, n.3, p.282-301, 2010.
- OLIVEIRA, Maria da Penha Leoncio de *et al.* **O bioma caatinga na concepção dos professores de ciências do município de Serra Branca-PB**. 2011.

PRADO, D. E. As Caatingas da América do Sul. In: LEAL, I. R.; TABARELLI, M.; SILVA, J. M. C. Ecologia e Conservação da Caatinga. Recife: **Editora UFPE**. cap. 1, p. 21-76, 2003.

RIBEIRO, D. A. *et al.* Potencial terapêutico e uso de plantas medicinais em uma área de Caatinga no estado do Ceará, nordeste do Brasil. **Revista Brasileira de Plantas Medicinais**, v. 16, p. 912-930, 2014.

ROCHA, F. A. G. *et al.* Uso terapêutico da flora na história mundial. Rio Grande do Sul: **Universidade Federal do Rio Grande do Norte**, 2015.

RODRIGUES, J. S. C. Estudo etnobotânico das plantas aromáticas e medicinais. In: FIGUEIREDO, A.C., BARROSO, J.G., PEDRO, L.G. (Eds), Potencialidades e Aplicações das Plantas Aromáticas e Medicinais. Curso Teórico-Prático, pp. 168-174, 3ª Ed., Edição da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa - **Centro de Biotecnologia Vegetal**, Lisboa, Portugal, 2007.

RODRIGUES, V. E. G.; CARVALHO, D. A. de. Levantamento etnobotânico de plantas medicinais no domínio do cerrado na região do Alto Rio Grande-Minas Gerais. **Ciência e agrotecnologia**, v. 25, n. 1, p. 102-123, 2001.

ROQUE, Alan de Araújo; ROCHA, Renato de Medeiros; LOIOLA, Maria Iracema Bezerra. Uso e diversidade de plantas medicinais da Caatinga na comunidade rural de Laginhas, município de Caicó, Rio Grande do Norte (nordeste do Brasil). **Revista brasileira de plantas medicinais**, v. 12, p. 31-42, 2010.

SÁ-FILHO, Geovan Figueirêdo *et al.* Plantas medicinais utilizadas na caatinga brasileira e o potencial terapêutico dos metabólitos secundários: uma revisão. **Research, society and development**, v. 10, n. 13, p. e140101321096-e140101321096, 2021.

SANTOS, M. R. A. *et al.* Uso de plantas medicinais pela população de Ariquemes, em Rondônia. **Horticultura Brasileira**, v. 26, p. 244-250. 2008.

SENA, Liana MM. Conheça e conserve a Caatinga-O Bioma Caatinga. **Fortaleza: Associação Caatinga**, v. 1, 2011.

SHELLEY, B.C.L. Ethnobotany and the process of drug discovery: A laboratory exercise. **The American Biology Teacher**, v.71, n.9, p.541-547, 2009.

SILVA, A.C.O.; ALBUQUERQUE, U.P. Woody medicinal plants of the caatinga in the state of Pernambuco (Northeast Brazil). **Acta Botanica Brasilica**, v.19, n.1, p.17-26, 2005.

SILVA, T.S.; FREIRE, E.M.X. Abordagem etnobotânica sobre plantas medicinais citadas por populações do entorno de uma unidade de conservação da caatinga do Rio Grande do Norte, Brasil. **Revista Brasileira de Plantas Medicinais**, Botucatu, v.12, n.4, p.427-435, 2010.

SIMOES, C.M.O. *et al.* **Plantas medicinais populares no Rio Grande do Sul**. 3. ed. Porto Alegre, Ed. Univers, 1998.

TOLEDO, V.M. **Biodiversity and indigenous peoples**. Pp. 330-340. In: Levin, S.A. (Ed.). Encyclopedia of Biodiversity. San Diego, Academic Press.

TOMAZZONI, M.I.; NEGRELLE, R.R.B.; CENTA, M.L. Fitoterapia Popular, a Busca Instrumental Enquanto Prática Terapêutica. **Texto e contexto de Enfermagem**, v.15, n.1, p.115-121, 2006.

VALERIANO, A. C. F. R. O uso da fitoterapia na medicina por usuários do SUS: uma revisão sistemática. Dissertação (Mestrado Interdisciplinar em Ciências da Saúde e Biológicas) - **Universidade Federal do Vale do São Francisco**, Campus Petrolina, p.82, 2017.

ZANK, S.; ÁVILA, JV da C.; HANAZAKI, N. Compreendendo a relação entre saúde do ambiente e saúde humana em comunidades Quilombolas de Santa Catarina. **Revista brasileira de plantas medicinais**, v. 18, p. 157-167, 2016.